

## Editorial

UM PAÍS  
À DERIVA

Milhares de venezuelanos cruzaram, no último domingo, a fronteira com a Colômbia para comprar alimentos e produtos básicos no país vizinho. Assolados pelo desabastecimento, tiveram 12 horas para fazer isso.

A medida é uma resposta pragmática a uma situação de fato, que se manifestou com toda a sua dramaticidade na última quarta-feira, quando mil mulheres tentaram cruzar a fronteira, gritando: "Tenemos fome".

Foi a primeira vez que a Venezuela permitiu a travessia em larga escala desde agosto do ano passado, quando o presidente Nicolás Maduro ordenou o bloqueio depois de um ataque armado de supostos contrabandistas.

O fechamento foi estendido por toda a fronteira binacional, numa extensão de 2.200 quilômetros. O governo também deportou cidadãos colombianos que viviam no lado venezuelano, gerando uma crise diplomática.

A abertura da fronteira é o reconhecimento do fracasso do governo populista de Maduro em atender as necessidades básicas de seu povo, sujeitando-o, além do mais, a buscar socorro num país ideologicamente adversário.

A Venezuela é caso trágico de um país conduzido ao caos pela imprevidência e irresponsabilidade de seus governantes, que acreditaram que tudo podiam quando a economia do petróleo provia-lhes todas as necessidades.

Advindo a "maldição do petróleo", a Venezuela não teve a que se socorrer. A atitude demagógica do governo de escolher "bodes expiatórios" na indústria e no comércio só tornou ainda mais catastrófica a situação.

Até há poucos dias, o expediente de trabalho dos venezuelanos tinha sido reduzido para economizar energia elétrica. Com desemprego e banditismo, a crise social contribuiu para gerar instabilidade política no governo.

A Venezuela é o retrato do mau rumo tomado por um governo que resolveu radicalizar suas opções políticas. Outros países recuaram de segui-la e hoje implementam medidas duras que sacrificam toda a população.

## SEMPRE EDITORA LTDA

**FUNDADOR** Vittorio Mediolí  
**PRESIDENTE** Laura Mediolí  
**VICE-PRESIDENTE** Marina Mediolí  
**DIRETOR EXECUTIVO** Heron Guimarães

**GERENTE COMERCIAL**  
Alessandra Soares

**GERENTE DE TECNOLOGIA**  
Fábio A. Santos

**GERENTE INDUSTRIAL**  
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
Walmir Prado

**GERENTE DE MARKETING**  
Monique Araki

**GERENTE DE CIRCULAÇÃO**  
Isabel Santos

**EDITORA EXECUTIVA**  
Lúcia Castro

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Michele Borges da Costa

**ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO**  
Murilo Rocha

**CHEFE DE REPORTAGEM**  
Renata Nunes

**EDITORES**

Opinião: Victor de Almeida  
Economia: Karlon Aredes  
Magazine: Silvana Mascagna  
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla  
Política: Ricardo Corrêa  
Esportes: Denner Taylor  
Cidades: Marina Schettini  
Primeira: Frederico Duboc  
Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO

Duke



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Mistérios e farsas sobre são  
Raimundo Nonato dos Mulundus

A história de um vaqueiro escravo santificado pelo povo!

O festejo de são Raimundo Nonato dos Mulundus, o santo vaqueiro, protetor e padroeiro dos vaqueiros, é um novenário – de 22 a 31 de agosto, dia em que ele faleceu (ou foi encontrado morto?), na antiga fazenda, hoje povoado, Mulundus, a 30 km de Vargem Grande (MA).

Conheço o santo vaqueiro há mais de meio século. Um dos vaqueiros de meu avô Braulino (Graça Aranha, MA), o Ervalo, sumiu campeando gado com outro vaqueiro nosso, o Dé. Apareceu após dois dias com o cavalo chamuscado de fogo e ele "doido de pedra", dizendo coisas desconexas. Ficou vários dias entre a vida e a morte.

A família fez a novena de são Raimundo Nonato dos Mulundus. Ervalo ficou como bom, mas o juízo avariado para sempre. Vovó decretou que eu acompanhasse a novena: o vaqueiro adoecera campeando a minha vaca. Fui!

O Ervalo bradava que não era vaqueiro de não encontrar gado sumido, nem que tivesse de se apegar com o diabo; e que fora ao inferno e um vaqueiro preto, de gibão de couro, o tirou de lá com cavalo, vaca e bezerro! Dava gargalhadas estranhas dizendo que cumpriu as ordens do patrão: "Ervalo, não apareça sem a vaca da 'Fátia' com o bezerro! Dei a vaca Margarida a minha neta quando nasceu: é a sementinha para ela ser alguém na vida!".

Em meu romance "Então, Deixa Chover" (Mazza Edições, 2013), resgatei são Raimundo Nonato dos Mulundus. Nunca fui a Mulundus. Pesquisei muito e escrevi um capítulo ("Onze horas de todas as cores"), no qual falo sobre o santo vaqueiro e sua festa, que remonta ao século XIX, antes da Abolição da Escravatura,

em 1888 (não descobri o ano da morte do santo vaqueiro).

Mulundu é uma dança africana. Em "A história de são Raimundo Nonato dos Mulundus", a professora Dolores Mesquita diz que Mulundus era uma fazenda de "umas brancas da família Faca Curta", ricas e donas de muitos escravos.

O fato: Raimundo Nonato, com outros vaqueiros, caçava uma rês desgarrada e sumiu. Dois dias depois foi encontrado morto: o corpo conservado e exalando um perfume! O povo entendeu que virara um santo. Não houve enterro. O corpo sumiu!

Até 1908, os padres celebravam missa. Em 1930, o arcebispo proibiu o festejo. O povo manteve a devoção, sem padre e sem missa.

É um mistério! Segundo os escravos Raimundo, Secundio, Quirino, Martiniano, Macário, Zé Firino, Militão e José Cabral, os padres levaram o corpo para Roma.

No local do acidente foi feita uma capela de palha (depois o santuário de são Raimundo dos Mulundus, hoje em ruínas), e, chefiados por Macário Ferreira da Silva, criaram um novenário, que se encerrava no dia de sua morte, 31 de agosto. "Isso pelos anos de 1858, mais ou menos" (Dolores Mesquita).

Após a Proclamação da República (1889), Mulundus foi comprada pelo coronel Solano Rodrigues, cuja mulher, dona Luíza, em pagamento a uma promessa ao santo vaqueiro, mandou fazer em Portu-

gal uma imagem dele que custou 1 conto e 700 réis, pela cura da pneumonia de seu filho Saul Nina Rodrigues, advogado, irmão do médico Nina Rodrigues.

Até 1908, os padres celebravam missa no santuário de Mulundus. Em 1930, o arcebispo de São Luís proibiu o festejo, alegando ser profano! O povo manteve a devoção, sem padre e sem missa. Em 1954, o arcebispo dom José Delgado mudou o santuário de Mulundus para Vargem Grande e deu o nome de santuário de são Raimundo Nonato, que não era o vaqueiro, mas o santo espanhol (1204-1240), bispo da ordem dos mercedários! Apesar das artimanhas, o Dia do Vaqueiro é 29 de agosto (Lei Federal 11.797/2008).

Em Vargem Grande, ocorrem duas festas católicas no mesmo dia! Uma delas é uma farsa por ser o roubo de uma tradição: a história e a devoção a um vaqueiro escravo santificado pelo povo!



DUKE